



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 5

Era uma vez em Brasília

Giovana Girardi: Tem um cartaz que eu já vi em várias manifestações sobre a crise climática que diz assim:

Natalie Unterstell: Todo filme de desastre começa com um governo ignorando um cientista.

Giovana Girardi: Essa é a Natalie Unterstell, e ela vai ser bem importante pra história que eu vou te contar hoje.

Uma história que prova que esse negócio de cientista ignorado pelo governo não é só coisa de Hollywood...

Acontece em Brasília também.

Bom, claro que é exagero dizer que todo filme de desastre começa com um cientista sendo ignorado... mas dá pra dizer que esse é um dispositivo de roteiro bem comum.

Eu posso falar com propriedade sobre esse assunto, porque eu adoro filme de ficção científica. E pensando nesse personagem clássico do cientista que ninguém ouve, é claro que pra aumentar o nível do drama, nos filmes, o cientista normalmente aparece com o pepino meio em cima da hora, quando a reação dos governantes precisa ser muito rápida pra evitar a tragédia.

Tipo, quando ele descobre um cometa desgovernado – que nem o do filme "Não olhe pra cima", sabe? Acho que foi o último blockbuster do gênero, não sei se você viu...

Leonardo DiCaprio: "We've discovered a very large comet"

Meryl Streep: "Oh, good for you"

Jennifer Lawrence: "It's headed directly towards Earth"

Rob Morgan: "This comet is what we call a planet killer"

Giovana Girardi: A presidente ali bobou, resolveu dar ouvidos prum cara que queria ganhar dinheiro com o cometa... aí já viu, né? Pensando bem, esse ponto também tem muita semelhança com a realidade.

Só que na vida dos cientistas de verdade, eles costumam avisar do desastre com bastante antecedência. Com tempo de sobra pra gente se adaptar. Agora, o pouco-caso dos políticos com os alertas da ciência... Essa parte é bem "baseada em fatos reais".

Eu sou Giovana Girardi e este é o quinto episódio do Tempo Quente. Um podcast original da Rádio Novelo.

O episódio de hoje é um pouco diferente. Porque, enquanto eu tava fazendo a apuração, entrevistando gente, tentando conhecer de perto os lobbies que jogam "cortinas de fumaça" no trabalho da ciência, e botam o mundo inteiro em perigo por causa do interesse de uma meia dúzia que tá ganhando com o status quo...

Durante toda essa pesquisa pro Tempo Quente, sempre me vinha na cabeça um momento relativamente recente da política pública brasileira que eu acompanhei de perto como jornalista...e confesso que chegou a me encher de esperança.

Natalie Unterstell: [...] eu acho que é uma informação muito poderosa, realmente, assim.

Giovana Girardi: Essa, de novo, é a Natalie Unterstell. E ela é uma das protagonistas do nosso filme.

Natalie Unterstell: em primeiro lugar, a gente queria que esse fosse um assunto que estivesse na centralidade da agenda econômica do Brasil.

Giovana Girardi: Esse caso tem um detalhe curioso, que muda um pouco a perspectiva de tudo: a Natalie e os colegas dela foram chamados pelo governo pra produzir um material de pesquisa sobre o problema.

E mais do que só fazer a pesquisa: a ideia era propor alternativas. Mudanças de percurso mesmo.

Natalie Unterstell: então não era uma agenda menor, era uma agenda de fato, enfim, de planejamento de longo prazo.

Giovana Girardi: Tanto que é isso, né? Ela não começa no Ministério do Meio Ambiente, ela começa na Secretaria de Assuntos Estratégicos, que tava dentro da presidência, né?

Natalie Unterstell: Sim.

Giovana Girardi: Quer dizer: foi a própria Presidência da República quem encomendou este projeto.

Natalie Unterstell: o Brasil 2040...

Giovana Girardi: Esse projeto, que custou 3 milhões e meio de reais, se chamava "*Brasil 2040: cenários e alternativas de adaptação à mudança do clima*".

A ideia era mostrar como setores importantes da economia, como

- o agronegócio,
 - a geração de energia
 - e o nosso sistema de infraestrutura
- são vulneráveis.

E como eles poderiam ser afetados num futuro bem próximo...

Quer dizer: bem próximo pra vida real: "já" em 2040.

Bom, nesse ponto você deve ter se ligado que eu não tô falando do governo Bolsonaro. Porque, pro Bolsonaro, o problema do clima nem existe. Então, pra quê se preocupar com ele, né?

O nosso filme-catástrofe se passa no governo Dilma Rousseff. Sim... num passado não muito distante, o clima chegou a ser uma preocupação do governo federal. Mas só até esbarrar em planos bem mais importantes pro governo...

Natalie Unterstell: a gente ficou sabendo que estaremos todos fora, então provavelmente essa é a nossa última reunião dentro do governo, e aí todo mundo já estava assim, tipo, "meu Deus, como assim?"

Giovana Girardi: Mas, péra, que eu tô contando essa história pelo clímax. E o filme nunca começa pelo apocalipse, né? No começo parece que tá tudo bem...

O ano era 2013.

O economista Sergio Margulis — que é uma das maiores autoridades em economia e meio ambiente no Brasil — tinha acabado de se aposentar, depois de 22 anos trabalhando no Banco Mundial.

O último trabalho dele lá, no Banco Mundial, foi um estudo enorme, chamado "Economia da adaptação à mudança climática". Esse projeto acendeu o interesse do Margulis sobre o tema da adaptação.

E na volta ao Brasil ele foi convidado pra assumir o cargo de subsecretário de desenvolvimento sustentável, dentro da Secretaria de Assuntos Estratégicos, que tinha um status de ministério.

Então ele topou adiar mais um pouco a aposentadoria.

O primeiro mandato da Dilma já tava no terceiro ano.

Sergio Margulis: o ministro, na época, era o Marcelo Neri. Ele me chamou, eu disse: "Marcelo, o que a gente vai estudar aqui, nesses 2 anos que restam aqui, nesse governo, é adaptação climática". Eu expliquei pra ele, convenci, conversamos... Ele achou ótima a ideia e a gente focou, basicamente, nesse estudo de adaptação.

Giovana Girardi: Assim nascia o "Brasil 2040". O Margulis chamou a Natalie Unterstell – que é especialista em políticas públicas sobre clima – pra ajudar na coordenação do projeto.

Mas pra dar conta do recado, de toda a produção científica que precisaria ser feita, eles juntaram mais de 30 pesquisadores de ponta de várias áreas diferentes, como engenharia, agricultura, economia, recursos hídricos e climatologia.

Sergio Margulis: o pessoal do INPE, evidentemente, na questão climática; o pessoal da Coppe, na área de energia; o pessoal da Embrapa, o Assad na área de agricultura, o pessoal da Universidade Federal do Ceará na parte de recursos hídricos. Enfim, pessoal de primeiríssima, indiscutivelmente, não tenho a menor dúvida.

Natalie Unterstell: Eu me lembro claramente que a nossa narrativa principal é que era imperativo pro Brasil se adaptar, porque se nós não fizéssemos, ninguém ia fazer por nós. É diferente de mitigação, que tá todo mundo conectado, todo mundo precisa fazer e se alguém fizer melhor, ou antes, ou mais rápido que você, você se beneficia.

Giovana Girardi: Deixa eu abrir um parêntese pra explicar melhor isso aqui. As ações contra as mudanças climáticas têm duas grandes vertentes: a mitigação e a adaptação.

Mitigação é como a gente chama quando as intervenções são feitas pra reduzir ou mesmo eliminar os impactos nocivos da atividade humana no meio ambiente.

Aqueles compromissos internacionais pra reduzir as emissões de gases de efeito estufa são ações de mitigação. O Acordo de Paris, por exemplo, é muito focado nisso.

Já adaptação, como o próprio nome indica, significa lidar com os impactos nocivos que já são ou logo poderão ser realidade. Aquela coisa que já ficou meio batida, sabe, o “novo normal”? É como se, em vez de planejar como defender o meio ambiente, a gente já desse um passo à frente.

Agora, a gente tá planejando como se defender do meio ambiente depois que ele se cansa dos abusos e passa a se vingar da gente.

O Brasil 2040 vinha bem nessa lógica, a da adaptação. O objetivo do trabalho era embasar o Plano Nacional de Adaptação – que o Ministério do Meio Ambiente tava coordenando.

Natalie Unterstell: A gente aqui no Brasil tem uma visão muito clássica, né, de que meio ambiente é alguma coisa que a gente impacta. Quando a gente fala de adaptação, a gente está falando do efeito oposto, né? É como se o planeta estivesse nos impactando, na verdade, é como... é a reação em relação ao aquecimento global. Então é uma questão de proteção mesmo, é uma questão de defesa, é uma questão de defesa nacional, inclusive. Né? Então você tem que criar essas capacidades pra se adaptar, e isso exige uma mudança de mentalidade que não é brincadeira. Porque a gente está falando do seguinte: que, a partir de agora, ou a partir, naquele caso, daquele tempo - 2013, 2015 - tudo o que fosse planejado, seria planejado considerando um mundo mais quente e de clima mais instável. Então, você vai construir uma ponte, você tem que pensar: "eu vou construir essa ponte pra ela resistir a intempéries de hoje ou pra ela tá... enfim, minimamente adequada pro que a gente projeta que vai acontecer em dez, quinze, vinte, cinquenta anos, né?"

Giovana Girardi: Essa ideia era muito inovadora – e ia contra o modus operandi do pessoal que faz planejamento de infraestrutura. Pra planejar o futuro, eles tão acostumados a olhar pro passado. Pra séries históricas de chuva, por exemplo. E isso funcionava muito bem quando os padrões se repetiam certinho de tempos em tempos.

Só que os estudos mostram que o aquecimento global deve deixar o futuro bem diferente. Essa instabilidade climática futura precisa, de algum jeito, entrar na conta. A ideia do 2040 era pensar – numa escala macro – quais mudanças a gente tem que fazer pra se adaptar a esse novo clima.

Natalie Unterstell: Então a gente ia começar a ter uma agenda que, de fato, ia ser uma agenda de construção da política pública. A intenção não era ficar só no alerta; era realmente fazer a função que o governo tem que fazer, que é essa de atuar sobre o problema, né?

Giovana Girardi: O projeto olhou dois cenários diferentes de emissões de gases de efeito estufa no mundo.

Um era pior, com emissões muito altas. E o outro era um meio-termo, com emissões um pouco mais controladas.

Mas nesse cenário, o planeta ainda esquentaria mais do que o razoável: até o fim do século, a temperatura média do planeta pode ficar 2,4°C acima dos valores pré-Revolução Industrial.

Com isso, os pesquisadores estimaram como poderia ser o comportamento da temperatura e das chuvas no Brasil em três períodos: até 2040, até 2070 e depois até 2100.

Depois de fazer as "simulações climáticas", o próximo passo foi considerar como poderia ser o impacto disso sobre os recursos hídricos do país.

O acesso à água, óbvio, é fundamental pra vida de todo mundo. Mas o estudo queria entender como é que esses diferentes cenários iam afetar setores econômicos importantes:

- na infraestrutura urbana e costeira;
- na agricultura;
- no transporte;
- e na energia.

E foi aí que os pesquisadores começaram a ver o tamanho da encrenca. Nos dois cenários que eles analisaram, as principais commodities agrícolas do Brasil vão sofrer um aumento do risco climático.

Quer dizer, vão ficar mais sujeitas à perda de produtividade por causa das variações climáticas. E a cultura que mais corre risco de ser afetada é justamente a da soja — que é uma das vilãs do desmatamento e um dos motores do agronegócio.

Na região centro-oeste, por onde hoje a soja mais se expande, o número de áreas propícias pro cultivo, ou seja, que são de baixo risco climático, deve ser reduzido.

Na região sul, a projeção é ainda mais dramática: No pior cenário, essa perda pode afetar a maior parte da área que hoje é potencial pro grão. Ou seja, da área que hoje é boa pro cultivo.

A previsão é que alguns municípios do sul poderão não ter mais condições de plantar soja, o que deve aumentar ainda mais a pressão justamente sobre o centro-oeste. A região centro-oeste também é afetada pela mudança do clima, mas a expectativa é que tenha uma migração da soja pra áreas onde hoje tem pastagem.

Bom, a gente ainda tá meio longe de 2040, mas já tá dando pra ver que os estudos não eram nada exagerados.

Em 2021 a gente teve um exemplo bem dramático do que pode vir por aí. A forte seca com ondas de calor nos estados do Sul levou a uma quebra de safra com prejuízos bilionários no campo e aumento dos preços dos alimentos.

Repórter: É no caixa que o consumidor sente o efeito da maior seca dos últimos 91 anos. Pouca chuva tem sido sinônimo de aumento de preços dos alimentos.

Giovana Girardi: Quanto mais quente fica o planeta, mais instável tende a ficar o clima. A expectativa é que eventos extremos, como o da seca de 2021, aconteçam cada vez mais. E você deve se lembrar que a seca de 2021 afetou, além da produção de alimentos, a geração de energia elétrica.

William Bonner: O Ministro de Minas e Energia Bento Albuquerque fez um pronunciamento agora à noite. Ele afirmou que a seca que atinge as hidrelétricas é a maior dos últimos 91 anos.

Giovana Girardi: Agora adivinha qual foi outro alerta importante do Brasil 2040? Justamente sobre a produção de energia hidrelétrica, que é a maior fatia da matriz elétrica do país.

Os pesquisadores simularam o comportamento de quase 200 bacias hidrográficas e viram que, com o aumento das temperaturas, a maioria deve ter redução das vazões de água – principalmente as das regiões sudeste, centro-oeste, e norte.

Redução na vazão de água em bacias hidrográficas pra produção de energia elétrica na região norte. Tem mais um detalhe importante nessa equação aqui: o timing.

Em 2013, quando o Brasil 2040 começou a ser feito, já tavam em curso as obras pra construção da usina de Belo Monte. E ela era o xodó da presidente Dilma, um sonho que ela tinha desde quando ela ainda era ministra, no governo Lula.

Só que Belo Monte não era exatamente um sucesso de público e crítica. E não só na oposição, com as denúncias de corrupção em mais uma obra faraônica.

Na própria base do governo petista teve gente denunciando os impactos que a usina ia ter na vida dos povos indígenas e dos ribeirinhos de lá.

A justificativa, como sempre, era o "desenvolvimento", o "progresso". Mas e se esse estrago todo não se justificasse nem mesmo pra geração de energia?

Bom, tem sempre aquela hora no filme em que o cientista – depois de entender a gravidade do problema – procura as autoridades pra tentar mudar o rumo da coisa, né?

No nosso filme aqui do projeto Brasil 2040, isso aconteceu no começo de 2015. A Natalie Unterstell contou pra gente como foi.

Natalie Unterstell: A gente colocou numa sala, num determinado dia, o alto escalão do Ministério de Minas e Energia, o alto escalão do ministério da Agricultura, é... e também do pessoal ligado à água. A gente coloca todos esses caras na mesa, traz os cientistas que tinham rodado os modelos e que tinham os estudos, a gente traz todo mundo, fala assim: "Olha, então primeira mão, aqui, dentro da SAE, a gente quer mostrar pra vocês o que que está aparecendo e a gente quer fazer uma discussão".

Giovana Girardi: A Natalie sabia que o elemento mais sensível dessa discussão ia ser, claro, Belo Monte.

Natalie Unterstell: o custo-benefício de Belo Monte já era muito contestado, a licença social de se construir também era muito, muito contestada, e aí quando a gente traz esse outro elemento, que não era um elemento sobre Belo Monte, mas Belo Monte, obviamente, se destacava porque ela ia perder no mínimo 20% da sua capacidade de... de produção hidrelétrica.

Giovana Girardi: No mínimo 20 por cento. Quer dizer, essa era a previsão mais otimista daqueles cenários de mudança climática. Até 2040, a vazão do rio Xingu no ponto onde fica a usina poderia cair até 55%.

Natalie Unterstell: Obviamente — né? — já se dava um recado muito claro de que estamos fazendo a coisa errada. E era a prioridade máxima do governo naquela época.

Giovana Girardi: Sim, tavam mexendo justamente com a "menina dos olhos" do governo. Mais do que isso.

Natalie Unterstell: Mais do que isso: os dados mostravam que outros locais onde se queria fazer mais uma série de hidrelétricas como no rio Tapajós também não iam ter vazão tal qual se esperava.

Giovana Girardi: Vale lembrar que quando o Sérgio Margulis deu o “pontapé inicial” no Brasil 2040, o país tava entrando em ebulição. Os protestos de rua que começaram contra o aumento das passagens de ônibus já tinham mudado de alvo pro governo federal.

O país que só quatro anos antes tinha merecido uma capa da revista The Economist com o Cristo Redentor “decolando”, naquela altura já tava sendo retratado com o Cristo-foguete caindo, desgovernado.

E no começo de 2015, quando os resultados do projeto começaram a ser apresentados, a situação política do país tava ainda pior, com as manifestações pró-impeachment de Dilma a todo vapor.

Até por isso, o governo federal não ia abrir mão de uma agenda "desenvolvimentista", do "Brasil grande".

Nesse caldo, as obras de infraestrutura — tipo novas usinas hidrelétricas — eram o carro-chefe desse pacote. E as usinas ainda vinham com uma justificativa a mais: elas iam garantir a "energia firme", perene, que o Brasil precisava pra voltar a crescer.

Só que o projeto Brasil 2040 tava ali justamente dizendo que essa matriz perigava não ser mais tão perene assim. Quer dizer: que a situação de um rio, de uma barragem, poderia mudar completamente com um planeta mais quente.

Só que a turma que tava acostumada a fazer o planejamento energético de olho no passado não tava a fim de aceitar que o futuro não é mais como era antigamente.

Natalie Unterstell: O pessoal que é do planejamento hidrelétrico, né, de muito tempo, os “barrageiros”, como são chamados, eles falavam: “Não, a gente tem séries históricas, aqui, muito consistentes, não tem problema”.

Giovana Girardi: Os cientistas não tavam alertando sobre um cometa vindo em direção à Terra – mas era um belo de um abalo sísmico no jeito de ver o mundo.

Sergio Margulis: "Não, mas as projeções históricas...", "escuta, professor... doutor, a gente tá falando que as projeções históricas não valem mais, tão mudando, isso chama-se mudança do clima. Então, o que é historicamente um padrão, não vale mais. O padrão está mudando, as coisas vão mudar". Ah... o cara, enfim, velha

guarda...

Giovana Girardi: O Margulis, a Natalie e o resto da equipe sabiam que essa não ia ser uma conversa fácil. Eles tavam preparados pra isso. O espanto, na verdade, veio da reação de um outro grande defensor das hidrelétricas.

Natalie Unterstell: eu lembro do secretário mais poderoso do Ministério de Minas e Energia, que estava lá com a gente, e que depois que se apresenta tudo, ele vira e fala: "Isso muda tudo. A gente tem que levar isso para o Conselho Nacional de Política Energética."

Giovana Girardi: Esse é o Altino Ventura?

Natalie Unterstell: Esse é o Altino Ventura

Giovana Girardi: Altino Ventura Filho era o secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia. Ele era o nome forte por trás dos planos do país de investir em mais hidrelétricas.

Ouvir – da própria boca do Altino Ventura – que o resultado dos estudos "mudava tudo"... fez o queixo de todo mundo cair.

O Margulis fez registros do encontro e me passou a transcrição da fala do Altino. Segundo o Margulis, é *ipsis litteris* o que o Altino falou. Vou ler aqui:

Giovana Girardi [lendo]: Estou literalmente chocado com os cenários climáticos e hidrológicos. Eles mudam completamente o planejamento hidrelétrico brasileiro. Eles afetam o "project finance"...

Giovana Girardi: financiamento de projeto, né?

Giovana Girardi [lendo]: das hidrelétricas planejadas, principalmente pra Amazônia. Belo Monte seria revista, pois teria menos de 50% da capacidade necessária. São Luiz do Tapajós também. É preciso levar esses dados para discussão pelos Ministros no Conselho de Política Energética. É preciso entender isso e planejar diferentemente.

Giovana Girardi: Olha, acho que o sonho de todo cientista é ter o trabalho levado a sério, considerado, aplicado na prática. Imagina: era como se no filme Não Olhe para Cima, a presidente falasse pro personagem do Leonardo DiCaprio – "Caramba! Isso é muito sério! Vamo fazer alguma coisa!"

Natalie Unterstell: Tem uma coisa que é admitir publicamente que aquilo ali teria impacto, eu acho que isso foi excepcional. Quando vem de uma figura que era super polêmica, né? O Altino era conhecido por não gostar de renováveis modernas...

Giovana Girardi: De novo, vale a gente lembrar do contexto histórico aqui. No começo de 2015, quando foi feita essa reunião em que o Altino tava presente, o Brasil ainda tava lidando com uma crise hídrica severa que tinha chegado ao auge em 2014.

Várias regiões foram afetadas pela seca, mas quem ganhou mais espaço nos jornais foi, como sempre, o sudeste.

Repórter: Com a falta de chuva no estado de São Paulo, o nível do sistema Cantareira que abastece cerca de 6 milhões e meio de pessoas segue baixando. O volume corresponde ao que resta da primeira parte do volume morto.

Giovana Girardi: O "volume morto" do Cantareira ainda tava ecoando na cabeça de todo mundo. O cenário energético e de abastecimento de água de todo o país tava pra lá de complicado.

Mas o governo insistia que a melhor saída era investir em... mais hidrelétricas. E o plano do governo de expansão do parque hidrelétrico brasileiro tava todo centrado na Amazônia.

Então ouvir previsões nada otimistas pra Belo Monte e pra outras possíveis usinas hidrelétricas não deve ter sido muito confortável pro Altino Ventura.

Acontece que nada daquilo era exatamente novidade pra ele. E teve alguém que ficou p. da vida quando viu aquela "supresa" toda do Altino.

Roberto Schaeffer: Quando o secretário comentou que tava surpreso com os resultados que a gente tava apresentando, aí eu falei né, educadamente, que "na verdade quem tá surpreso sou eu"...

Giovana Girardi: Esse é o Roberto Schaeffer. Ele era o coordenador de energia do projeto Brasil 2040 – e era ele quem tava conduzindo a apresentação naquela reunião.

Roberto Schaeffer: Eu que tava surpreso de saber que o Ministério de Minas e Energia desconhecia aquelas informações, já que elas foram várias vezes, né, passadas pro ministério, inclusive com a participação de pessoas do ministério, em lançamento de estudos passados. Então falei isso, ó, que "na verdade quem tá surpreso é... eu que tô surpreso de saber que o senhor tá surpreso com uma coisa que já não deveria surpreender ninguém, que a gente fala há muito tempo".

Giovana Girardi: O Schaeffer é pesquisador e professor do programa de planejamento energético da Federal do Rio de Janeiro. E ele tinha tanta certeza de que não faltaram oportunidades pro governo tomar ciência da situação antes, porque ele mesmo já tinha apresentado resultados de estudos preliminares pra órgãos federais – tipo a Empresa de Pesquisa Energética, a Agência Nacional de Águas e a própria Eletrobras.

Roberto Schaeffer: E a gente justamente chamava atenção, que os cenários futuros pro Brasil, onde se via um papel pra hidrelétrica, onde já se falava em Belo Monte... Jirau, São Antônio... aquelas hidrelétricas não iriam entregar aquilo que elas tavam se propondo a entregar... Porque cenários feitos pelo INPE, a gente trabalhava aqueles cenários do INPE, mostravam que havia uma tendência de Amazônia se tornar mais seca, quer dizer, uma tendência de savanização da Amazônia, e uma tendência de um semiárido nordestino virar um... um deserto... né?

Giovana Girardi: Um deserto. Uhum.

Roberto Schaeffer: E me lembro que o secretário falou "puxa, mas se a gente soubesse disso, a gente teria... pensado..." vamos dizer "a expansão do setor elétrico brasileiro diferente", falei "ó, mas isso aí vocês já deveriam saber isso. Que isso daí é um aviso já que foi dado há quase 10 anos atrás, ou 7, 8 anos...".

Giovana Girardi: Quer dizer: o Roberto Schaeffer não conseguiu disfarçar a chateação dele.

Vamo combinar que é difícil mesmo manter o sorriso no rosto quando você tá dando o mesmo aviso há anos... E vem alguém fingindo surpresa, né?

O Margulis achou até graça da situação...

Sergio Margulis: O Altino teve essa reação e o... o Schaeffer, que professor, num tinha... num tinha nenhuma diplomacia no sentido de num sei o quê, ele chegou e disse assim, "é... doutor Altino, é... lembrar o senhor, a gente tá aqui apresentando esse estudo, mas vou lembrar o senhor que nós mesmos, essas... esse mesmo conjunto de pessoas já fez esse estudo em 2006 — sei lá quando é que a gente fez o outro — e... esses resultados são de conhecimento da Secretaria de Planejamento do Ministério de Minas e Energia há 10 anos... Vocês conhecem isso de frente pra trás, vocês só não prestam atenção. Vocês só continuam negando".

Giovana Girardi: Acho que todo mundo ali se sentiu representado na irritação do Roberto Schaeffer. Eu confesso que – ouvindo depois – eu também me senti!

Mas enfim, era a hora de esquecer os erros do passado, né? Apesar de tudo, a reação do Altino Ventura tinha sido muito promissora. Agora a ciência tava sendo ouvida! Ufa!

A Natalie Unterstell tava nessa vibe...

Natalie Unterstell: Foi espetacular, porque... da forma como foi colocado, e eu acho que o fato de estar todo mundo dentro da Presidência da República, então não era uma discussão, assim, aleatória. A gente estava fazendo dentro de um ambiente que ia ter que dar resultado em algum momento.

Giovana Girardi: "Ia ter um resultado em algum momento"!

É muita coisa! É pra comemorar, sim!

E qual é o próximo passo?

Natalie Unterstell: O que acontece depois dessa reunião? A gente ouve um ruído de que ele teria ligado pra uma figura de dentro do governo e reclamado da reunião.

Giovana Girardi: Aaah...

Natalie Unterstell: Então... assim: publicamente, a pessoa sempre vai falar uma coisa, mas na hora do vamos ver, no bastidor é o que vai... né? Porque aquilo ali, pra mim foi meio, sabe, tirar o dedo do dique, assim. Foi dar vazão a alguma coisa que todo mundo já sabia, porque os pesquisadores estavam falando isso há muito tempo. Os dados eram muito bons, os cenários eram muito bons, os pesquisadores envolvidos eram muito... são muito ilibados, muito reconhecidos, então eu acho que eles devem ter sentido que isso ia sair do controle. E que não ia mais ser um assunto de uma pasta setorial ou de, né, uma secretaria; ia virar um negócio muito maior. Então eu acho que a reação foi essa, assim, a reação veio nesses termos, do tipo "não vai dar pra fazer a conversa tão abertamente, não vai dar pra fazer a conversa tão... tão ligada ao que está sendo decidido em alto nível agora".

Giovana Girardi: Foi do "dique transbordando" pro "balde de água fria", né? Talvez você já tenha passado por uma coisa parecida: sair de uma discussão que parecia ter terminado tudo bem... pra depois receber uma mensagem mudando tudo que ficou combinado.

Apesar de ter tido aquela reação que surpreendeu todo mundo, o Altino Ventura muito rapidamente deu sinais de que nada ia mudar só por causa daqueles dados.

Lembra do jornalista Claudio Angelo, meu carona na viagem pela Transamazônica? Consultor aqui do Tempo Quente? Ele entrevistou o Altino Ventura logo depois daquela reunião.

Infelizmente ele não gravou a entrevista — porque a gente ainda nem sonhava em fazer esse podcast naquela época. Mas eu pedi pra ele ler aqui um trechinho da matéria que ele publicou, em março de 2015:

Claudio Angelo: O secretário Altino Ventura afirmou que, mesmo diante das previsões dos modelos, o planejamento de hidrelétricas do país, que inclui uma forte expansão de usinas na Amazônia, não deve mudar. [abre aspas] *“Nós não vamos deixar de fazer hidrelétricas no Brasil por causa do nível de informação neste ponto”* [fecha aspas]. Segundo Ventura, há duas razões para crer que o sistema elétrico brasileiro tenha resiliência às mudanças no clima. A primeira é a diversidade hidrológica: os rios das diversas bacias sofrem influências diferentes e têm regimes diferentes. Como o sistema é interligado, a energia de uma região pode ser usada para suprir a falta em outra. [abre aspas de novo] *“Se eu aumento as vazões no Sul e reduzo no Nordeste, eu uso as usinas do Sul para gerar energia”* [fecha aspas].

Giovana Girardi: Quer dizer: não era só uma questão de torcer o nariz pros dados. Imagina ter que admitir que um empreendimento

- com enormes impactos socioambientais;
 - alvejado de todos os lados por denúncias de corrupção;
 - e que já tinha custado mais de 30 bilhões de reais pros cofres públicos...
- ... corria o risco de ser um fiasco no curto prazo?

Eu quis saber o que que o Altino Ventura de hoje em dia lembrava dessa reunião.

Giovana Girardi: O senhor se lembra de uma reunião, ali no comecinho de 2015, de um projeto do governo federal chamado Brasil 2040? O senhor tá lembrado desse trabalho?

Altino Ventura: [vozes sobrepostas] Sei. Sei.

Giovana Girardi: É que eu tava conversando com alguns participantes outro dia e eles lembraram como é que foi a reação do senhor nessa reunião quando eles apresentaram as projeções sobre hidrelétricas. Eles disseram que o senhor tinha ficado surpreso com os dados, arregalado os olhos. E dito alguma coisa assim, que aquilo

mudaria tudo. Que aquilo poderia tornar Belo Monte inviável e que talvez fosse caso de ser levado até pro Conselho Nacional de Política Energética. Isso acabou não acontecendo, né, Altino?

Altino Ventura: Veja, eu eu... eu tenho, eu tenho uma memória excepcional. Isso realmente eu tenho memória. E me lembro disso aí, acho que você descreveu com bastante precisão a minha reação. Eu vou apenas dar alguns pequenos ajustes...

Giovana Girardi: Justíssimo. Era pra isso mesmo que eu tava ali: pra ouvir o lado dele da história. O Altino me disse que achou os dados um pouco exagerados. Mas admitiu que ele não é especialista no assunto. Então ele me explicou a decisão pela perspectiva dele: do planejamento e da viabilidade econômica das hidrelétricas.

Altino Ventura: Então, veja bem o seguinte, então esse fenômeno de, de redução das vazões ia ocorrer lá... ia ocorrer aumentando ao longo do tempo, e lá pra 2040. Consideração que eu fiz na época, a minha reação, é o seguinte: "olha, o efeito desse, dessa, desse fenômeno climático, dessas mudanças climáticas, vão ocorrer no finalzinho do período de 30 anos".

Giovana Girardi: Traduzindo, o raciocínio do Altino era o seguinte:

- a gente tá falando de 2040, né?
- eles tavam em 2015, faltavam 25 anos, arredondando: 30...
- e isso era mais ou menos o tempo que eles tinham previsto pra recuperar o investimento nas hidrelétricas!

Bom, maravilha então, né?

Altino Ventura: Não vejo por que a gente mudar a Belo Monte porque Belo Monte vai se pagando logo nos primeiros anos. Quer dizer, o meu, o meu, a minha reação é o seguinte: o fenômeno existia, nós tínhamos que considerar, tínhamos que debater isso, mas os elementos ainda não eram suficientes pra nós deixarmos de fazer as hidrelétricas.

Giovana Girardi: Eu tenho um amigo que sempre diz: "problemas posteriores serão resolvidos posteriormente". É um baita de um conselho pra uma pessoa ansiosa como eu. Mas, pera lá... nesse caso não é pirar na batatinha por antecedência.

Do jeito que o Altino tá falando, parece que é isso: tá tudo normal até 2040... e aí, pimba!, reduz a vazão das barragens.

Já tô imaginando a cena, na virada do ano de 2039 pra 2040, alguém botando a mão na torneira da vazão de água de Belo Monte...

"Atenção, pessoal, a energia vai diminuir em: 5, 4, 3, 2..."

Não é assim que a banda toca, né?

Tem uma coisa que é "clássica" de ciência do clima. Aliás, duas coisas.

A primeira é que as "modelagens climáticas", justamente por serem uma projeção futura, carregam um tanto de incertezas.

E a segunda – pensando que não tem como fugir de alguma imprecisão – é que em praticamente todos os casos, os cientistas tendem a ser mais conservadores nas projeções.

O que eu quero dizer com isso é que tinha chance de o futuro ser ainda pior do que na projeção... e antes de 2040.

Bom, eu vou falar mais disso no próximo episódio, mas o ponto é que, entra ano, sai ano, e Belo Monte não consegue alcançar a capacidade de geração de energia prevista.

Ou seja: nem precisou chegar em 2040 pra ficar evidente que a usina era uma furada.

Altino Ventura: Veja, nós desistimos da hidrelétrica, teríamos que fazer alguma coisa no lugar. Na minha opinião, a alternativa seria pior. Nós taríamos hoje com um programa térmico de grande porte, queimando combustíveis fósseis.

Giovana Girardi: O Altino levantou um ponto que faz sentido. Claro que as hidrelétricas são uma fonte de energia limpa fundamental pro país.

Aliás, quando a gente pensa em geração de energia no Brasil, a gente pensa logo em hidrelétrica, né? A gente abriu o Tempo Quente com um episódio sobre carvão, sobre como não faz sentido investir num combustível fóssil num país como o Brasil.

O mundo inteiro pensando pra reduzir as emissões dos gases de efeito estufa, e a gente podendo se orgulhar de que – pelo menos pra geração de energia elétrica – a gente emite muito pouco.

Sim, se botar desmatamento na conta, a gente emite muito mesmo. Mas falando de energia aqui. Não deixa de ser uma ironia cruel que uma fonte limpa esteja ameaçada pela própria mudança do clima, né?

É claro que a gente se joga na energia hidrelétrica não por consciência ambiental, mas porque sempre teve água em abundância no Brasil como um todo.

Agora: se por um lado, ok, água é uma fonte limpa de energia... a gente não pode ignorar todos os problemas socioambientais que a construção de barragens traz de lambuja. E insistir nas hidrelétricas acabou atrasando no Brasil o avanço de outras fontes renováveis.

Lembra de um discurso que ficou famoso da Dilma, defendendo as hidrelétricas?

Dilma Rousseff: A... até agora, até agora, a energia hidrelétrica é a mais barata.

Giovana Girardi: Ela falou que o problema de outras fontes limpas – como a eólica – era o armazenamento.

Dilma Rousseff: E também pelo fato da água ser gratuita. E da gente poder estocar. O vento podia ser isso também, mas cê não conseguiu ainda tecnologia pra estocar vento. Porque o vento é diferente em horas do dia. Então vamos supor que vente mais à noite, como é que eu faria pra estocar isso?

Giovana Girardi: É, a tecnologia pra "estocar vento" não andou muito de 2015 pra cá. Mas esse nem é o problema. A Dilma, na real, não queria admitir outra fonte de energia. Porque muitos especialistas vão dizer que as hidrelétricas, ao serem poupadas quando se tem bastante eólica e solar funcionando, vão exercer exatamente esse papel de armazenamento. Elas vão ser a bateria do sistema.

Só que o país ainda não avançou tanto nessas outras renováveis quanto poderia. E os reservatórios... bem, eles não esperaram chegar até 2040 pra baixar...

Por vias tortas, o temor do Altino acabou se concretizando.

O Brasil já vem acionando muito mais as termelétricas, como eu tinha comentado aqui no primeiro episódio.

Em 2021, por causa da crise hídrica, essas fontes representaram 21% da energia elétrica gerada no país.

Pra ter um termo de comparação, em 2019, essa participação tinha sido de 13%.

Bom, mas voltando pra 2015...

Naquela época da "reunião do fim do mundo" – quando a equipe do Brasil 2040 apresentou alguns resultados das pesquisas pro Altino Ventura e outros membros do governo...

... bem naquela época, a presidente Dilma tava fazendo uma reforma ministerial. E uma das trocas que ela fez foi justamente no comando da Secretaria de Assuntos Estratégicos.

Saiu o Marcelo Neri — aquele que tinha trazido o Sérgio Margulis e deu carta branca pra ele fazer o que julgasse importante — e entrou o Roberto Mangabeira Unger. O Mangabeira Unger é filósofo, professor de Harvard e ficou famoso por ser o "guru político" do Ciro Gomes e do Caetano Veloso.

Na verdade, era um retorno do Mangabeira — porque ele já tinha ocupado a mesma cadeira durante o governo Lula.

Aqui, de novo, a Natalie Unterstell.

Natalie Unterstell: Não sei, não... até hoje não entendo as razões como isso se deu, se foi da noite pro dia mesmo, se foi alguma coisa planejada, mas o fato é que semanas depois dessa reunião, troca-se o ministro, entra Mangabeira Unger, e aí começa uma... dinâmica de engavetamento de tudo o que tinha sido feito. Começam a sair matérias na mídia... na imprensa marrom falando que o Mangabeira tinha freado o ímpeto dos aquecimentistas.

Giovana Girardi: Aquecimentistas.

Natalie Unterstell: (risos) Chamaram a gente de aquecimentistas.

Giovana Girardi: A Natalie e o Sérgio Margulis me contaram que eles tentaram conversar com a nova chefia. Eles se ofereceram pra explicar o projeto Brasil 2040, pra mostrar o que eles já tinham feito, como tavam as relações com os outros ministérios, mas a coisa tava emperrada.

Só que bem nessa época tava acontecendo uma outra coisa muito importante na vida da Natalie. Ela tava com o casamento marcado.

Natalie Unterstell: Eu fui casar dia 7 de março, casei em Fernando de Noronha, muito chique. E existe um negócio que, quando cê está no governo, chama "licença casamento", "licença matrimônio"... Tem lá 7 dias que você pode tirar quando você casa, pra isso, e muito bem, eu fui casar e desliguei o telefone. Falei: "Ah, não quero saber, etc e tal".

Giovana Girardi: E tinha um detalhe:

Natalie Unterstell: Eu ia voltar no dia que o meu chefe ia sair de férias, então basicamente, a gente, eu era a diretora, o Margulis era o secretário, então a gente ia trocar: eu voltava do casamento, ele saía de férias. Eu voltei, tava no aeroporto, eu recebi uma ligação. E aí o Margulis me fala: "Natalie, é o seguinte: cortaram a cabeça de

todo mundo que podia ser cortada, inclusive a minha, só que eu tô de férias, então eu nem sei como é que faz, se eu mesmo estou me demitindo, quem vai assinar o papel, não entendi, e quando você chegar amanhã lá, muito provavelmente vai acontecer isso com você, então... né? Assim, só te... só tô te alertando, não tem o que a gente possa fazer, tá dado". É... a gente... Enfim, desligamos o telefone.

Natalie Unterstell: Chego na minha sala, tinha uma figura que estava lá no governo, não me lembro mais o nome dele Não estava nomeado, mas ele estava sentando na cadeira do Margulis, ou seja, se assumiu como secretário sem ter a nomeação para tal. Essa figura grita do corredor para mim: "Natalie, eu preciso falar com você."

Giovana Girardi: Você nem o conhecia?

Natalie Unterstell: Eu sabia quem era, assim, de vista, mas nunca tinha uma... Sei lá, tinha tido uma interação uma vez na vida. Não me lembro o nome, realmente, então... E essa figura...

Giovana Girardi: "Essa figura" era o Alberto Lourenço, que ia assumir o cargo de subsecretário de desenvolvimento sustentável, que era do Margulis.

Natalie Unterstell: Mas tudo bem, eu vou até a sala do meu... do secretário, que não estava, porque tava de férias. Tinha sido demitido, mas não tinha sido exonerado, uma situação estranha. (risos)

Giovana Girardi: Não tinha saído no diário oficial ainda a exoneração do Margulis...

Natalie Unterstell: E eu falo: "Bom, né? Oi." E aí eu sento na frente dessa figura, que estava ali sentada como secretário, de novo: sem nomeação, e ele fala: "Ah, vejo aqui que você não estava aqui semana passada." Eu falei: "Sim, eu estava casando." (risos) "É, mas você não poderia ter saído, porque..." Eu falei: "Meu Deus, que constrangimento. Aqui tem que explicar pra um servidor público que eu posso casar." Aí ele falou: "Não, mas não é por isso que eu te chamei aqui. É... Na verdade, eu te chamei aqui pra te exonerar, não porque você não faça o seu trabalho, porque eu sei muito bem que você é muito competente, não sei o quê, mas a gente não vai dar continuidade a esses estudos... e a esse programa e tal."

Giovana Girardi: Pois é, o cara mandou uma versão corporativa daquela conversa clássica de fim de namoro: "não é você, sou eu".

Natalie Unterstell: Aí eu virei e falei: “Olha, se vocês querem descontinuar os estudos, eu realmente lamento, porque eu acho que tem uma contribuição grande a ser dada ainda nesse assunto, mas pra eu ser exonerada, eu preciso ser exonerada então pela pessoa que está nomeada para fazer isso. Enquanto isso não acontecer, eu estou como secretária substituta aqui, já que o meu chefe está de férias, enquanto não for exonerado.” (risos)

Giovana Girardi: Uau! E a cara dele?

Natalie Unterstell: (risos) Foi muito mais emocionante que isso porque na hora você está com raiva, você fala, tipo “quem é você?”, foi basicamente isso: “Quem é você pra me dizer que... Assim, pra me dar voz de exoneração nessa altura do campeonato, entendeu?” E falei “muito obrigada, tchau”

Sergio Margulis: A postura da... das pessoas aí, é... assim, realmente, é sem comentários, né? A postura, assim, uma arrogância, de uma prepotência total, completa e absoluta, uma falta de sensibilidade, falta de caráter, eu chamo isso... Porque cê tá lidando com serviço público, cê num tá lidando com a... com a sua casa que cê tá alugando e num tem que dar satisfação. Não, cê está lidando com o serviço público, com o dinheiro público, com coisas que envolvem conhecimento, que envolvem informação, que envolvem recursos, né? Alocados pra fazer um trabalho, e você descartar isso... Peraí, num é assim, meu amigo! Você... tudo bem...

Giovana Girardi: Eles num chegaram a dar uma justificativa, né?

Sergio Margulis: Nada, sem... num quiseram sentar pra conversar! Assim, é nesse nível, a arrogância... uma prepotência e... e a gente... eu falei, assim, mandei, tem email pra eles... "ó, tamo aqui às ordens, quando quiser falar"... nada! Não quiseram falar, depois eu recebi um "isso não tem a menor importância, isso é uma... é um assunto que não tem relevância nenhuma aqui na nova SAE".

Giovana Girardi: SAE é a Secretaria de Assuntos Estratégicos. Eu tentei entrevistar o Mangabeira ao longo da apuração desse episódio... mas não recebi uma resposta muito mais amigável da que a Natalie e o Margulis tiveram.

Vou ler aqui o e-mail. Abre aspas:

Senhora Giovana Girardi,

Não tenho qualquer relação com esse tema. Nunca ouvi falar em Projeto Brasil 2040, nem durante os dois anos em que fui Ministro-Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos (junho de 2007 a junho de 2009) no governo Lula nem durante os poucos meses em que ocupei o mesmo cargo no governo Dilma.

"Nunca ouvi falar em Projeto Brasil 2040". Que esquisito.

Eu respondi agradecendo o retorno dele... tentei explicar melhor do que eu tava falando, pra ver se ele lembrava...

O tempo todo eu tava pedindo uma entrevista, claro, pra eu poder gravar e usar no podcast. Mas ele confundiu as estações...

Vou ler aqui a resposta. Abre aspas de novo:

“Tenho vaga lembrança dessa situação. Ocorre que meu acerto com o presidente Lula foi começar com equipe totalmente nova e minha. A SAE não ministerial, anterior à minha entrada, era um amontoado acidental. Ninguém, absolutamente ninguém, ficou do grupo anterior, da pré-SAE, a não ser em cargos inferiores, meramente administrativos. Não conheço o pessoal que você menciona.

Se não me engano, fizeram onda na imprensa na época quando mandei todo mundo embora e talvez ainda estejam fazendo... E estava certíssimo.”

Eita... não é do governo Lula que eu tô falando! Já era a época da Dilma...

Respirei, insisti mais uma vez, mas ele parou de me responder.

Aliás, eu tentei também ouvir a própria Dilma sobre essa história, mas ela também não topou me dar entrevista.

Tentei achar, na cobertura da imprensa na época, alguma justificativa que o Mangabeira Unger tivesse dado pra enterrar o projeto. Mas era tudo muito vago.

Como não podia deixar de ser, a repercussão da exoneração da equipe foi bem negativa. O Brasil 2040 era aberto ao público, os resultados eram compartilhados no site do projeto... não era como se fosse um segredo de Estado.

Tudo isso aconteceu só nove meses antes da conferência do clima da ONU que ia definir o Acordo de Paris – que é um pacto pra conter o aquecimento global, assinado por 196 países.

Toda a agenda ambiental de 2015 era pautada em torno dessa conferência. Cada país tava calculando quais cartas podia botar na mesa na cúpula. Quer dizer: quanto poderia se comprometer em termos de redução das próprias emissões de gases de efeito estufa.

Claro que não era um bom sinal demitir a equipe que tava traçando caminhos pra adaptar a economia brasileira às mudanças climáticas, né?

A política ambiental do governo Dilma já vinha sendo criticada... e o encerramento do projeto Brasil 2040 deixava bem claro que o governo brasileiro tava jogando a emergência climática pra escanteio.

Natalie Unterstell: Essa é a primeira vez que eu conto o que aconteceu na época da demissão. E aí, quando os jornalistas começam a dar os dados, que eu acho que foi fundamental, porque daí não era uma coisa assim: "Ah, Fulanos... Fulanos foram exonerados"; era assim: 'Fulanos foram exonerados porque os dados são muito fortes, e porque não se quer dar consequência pra isso.' Aí o negócio começa a ficar muito estranho, porque essa figura que foi quem nos exonerou, criou essa... fez essa palhaçada, que foi a forma como ele fez, começa a reagir às matérias nos jornais. Então, por exemplo, sai uma coluna de opinião do Marcelo Leite na Folha, dizendo o que tinha acontecido. E essa figura, em nome, lá, do Mangabeira, faz uma resposta, dizendo que nada disso era verdade, que eles iam continuar. E aí o próprio Marcelo Leite responde pela Folha, dizendo: "O tempo dirá." (risos) E o tempo disse.

Giovana Girardi: O que o tempo disse é que o projeto de fato foi enterrado.

Em algum momento apareceu a informação de que o Ministério do Meio Ambiente ia assumir o Brasil 2040. Que ia ter um relançamento do projeto e tudo. Mas foi decretado sigilo daquilo que até então era público.

Depois da mudança de pasta, quando a gente, da imprensa, procurava os cientistas que continuavam envolvidos no projeto, eles diziam que tinham sido orientados a não se manifestar mais sobre os dados.

O que eu consegui apurar é que não teve mais nenhuma reunião. Que os resultados não foram mais repassados pros outros ministérios. Quer dizer: simplesmente deixou de ser um projeto com o objetivo de promover ações concretas.

Eu só voltei a ouvir falar do projeto Brasil 2040 meses depois de toda essa confusão. Foi em outubro daquele mesmo ano de 2015, faltando pouco mais de um mês pra conferência de Paris.

Na verdade, nem fui eu que fui atrás. Foi uma assessora do Ministério do Meio Ambiente que me procurou. Na época, eu tava trabalhando no Estadão.

Ela me procurou pra "vender uma pauta", pra oferecer um material "exclusivo" pra

gente publicar no jornal.

"Semi-exclusivo", na verdade, porque ela ofereceu pra mim e pra uma colega do jornal Valor Econômico o "trabalho completo" do projeto Brasil 2040 – pra gente publicar numa data pré-combinada.

Claro que eu aceitei, né?

Com um pouco de pé atrás, porque eu tinha acompanhado a história, mas aceitei.

A informação científica era muito relevante. E eu tava curiosa pra saber como a coisa tinha andado depois da mudança de pasta e da "operação abafa".

Com a Conferência de Paris no horizonte, a pauta tinha — com o perdão do trocadilho — esquentado.

Bom, só que o material que eles passaram pra gente era um calhamaço desorganizado de mais de mil páginas, divididas em 30 arquivos diferentes. E não tinha nem a possibilidade de a gente recorrer a um porta-voz que pudesse falar sobre os resultados porque ninguém foi colocado naquela função.

Olha, uma bagunça...

Eu tava me virando pra botar ordem naquela bagunça, dar um jeito de publicar... Quando, uns dias mais tarde, a assessora me ligou desconcertada, dizendo que o Ministério do Meio Ambiente tinha recuado.

Que a prerrogativa da divulgação do projeto era da Secretaria de Assuntos Estratégicos – aquela mesma que tinha aberto mão do projeto Brasil 2040.

Eu procurei o novo secretário, mas, naquela altura, o órgão já tava em vias de ser extinto e ele disse que só ia falar com a imprensa depois que eles próprios colocassem o projeto no ar. Ignorou o acordo de divulgação que tinha sido feito com os dois jornais.

E dois dias depois, sem nenhum aviso, o material todo foi despejado no site da secretaria.

Pra um projeto que tava associado à Presidência da República, que custou cerca de 3 milhões e meio do Tesouro e de uma cooperação internacional, o mínimo que se esperava era um lançamento formal do trabalho. De preferência com uma coletiva de imprensa, analisando as descobertas. E, principalmente, dando um encaminhamento pra elas.

Aqueles dados traziam consequências diretas preocupantes pros projetos de infraestrutura. Então era de se esperar que alguém dissesse que tipo de estratégia poderia se desenrolar a partir daqueles resultados.

Mas nada disso foi feito.

Nem uma materiazinha oficial anunciando o trabalho.

Ele ficou num daqueles links que – a não ser que você tenha o endereço certinho – você nunca consegue encontrar... Sabe?

Depois de algum tempo, todo o trabalho desapareceu. Os links que remetiam pra ele nas reportagens e até mesmo em citações anteriores do próprio governo não davam mais em lugar nenhum.

Hoje é possível encontrar o material em uma versão antiga do site do Ministério do Meio Ambiente, mas o interessado precisa se esforçar muito pra encontrar.

Então, a gente vai deixar as referências todas lá no site do Tempo Quente pra você.

Natalie Unterstell: É... Mas eu acho que é isso, eu acho que tinha uma prioridade muito clara do governo Dilma em relação a Belo Monte, absolutamente clara, né, e a novos investimentos de infraestrutura, e não havia uma abertura real pra considerar riscos climáticos naquele momento. Era a mensagem errada, e os mensageiros acabaram pagando por isso. Eu acho que, em suma, esse é o... esse é o resumo.

Giovana Girardi: O projeto Brasil 2040 foi uma grande lição perdida – e a conta desse erro chegou mais cedo que o esperado. O Sérgio Margulis foi buscar na filosofia a conclusão fatalista que ele tirou do episódio:

Sergio Margulis: Tem uma frase do Hegel que diz... filósofo Hegel, alemão, que ele diz assim: "o que se aprende da história é que nada se aprende da história". Então, é isso, passa tempo, passa dia, passa dia, passa ano e... infelizmente, a gente é movido por catástrofes, né? Precisa ter um grande impacto pras pessoas se tocarem.

Giovana Girardi: Se é verdade que as pessoas são movidas por catástrofes, estudos como o Brasil 2040 mostram que a gente ainda vai ter que se mover bastante.

O problema é que, de catástrofe em catástrofe, de indignação em indignação, e de inércia em inércia, tudo caminha pra uma catástrofe final, quando não vai sobrar mais ninguém pra se mover. E o nosso filme já entrou no terceiro ato.

Tempo Quente é um podcast original da Rádio Novelo, produzido com apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Eu, Giovana Girardi, apresento, faço a reportagem e assino o roteiro com o

Arnaldo Branco e com a Paula Scarpin – com o apoio da Bárbara Rubira e da Flora Thomson-DeVeaux.

A coordenação do projeto é da Ana Magalhães e da Bárbara Rubira, que também fez produção com a Marcelle Darrieux.

A gente teve a consultoria da Cristina Amorim e do Claudio Angelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Branca Vianna, e a direção executiva é do Guilherme Alpendre.

A música original foi composta pelo Arthur Kunz.

A edição é do Lucca Mendes e a sonorização é da Júlia Matos, com o apoio da Paula Scarpin.

A direção de locução é da Mika Lins.

Nós gravamos na Confraria de Sons e Charutos, em São Paulo, e no Estúdio Rastro, no Rio de Janeiro.

Nossos transcritores foram Laura Rellstab, Bel Baroni, Nino Bloch e Guilherme Póvoas.

A checagem é do Emerson Kimura.

A mixagem foi feita pela Pipoca Sound.

A estratégia de promoção e distribuição fica por conta da Juliana Jaeger e da FêCris Vasconcellos. As redes sociais são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff, com o designer Mateus Coutinho. A edição de nosso conteúdo em vídeo é da Thais Fernandes.

Nossa identidade visual foi elaborada pela Natasha Gompers, e o nosso site foi feito pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

Neste episódio, usamos áudios da Netflix, da TV Globo, da RIT Notícias e do Poder360.

Obrigada e até semana que vem.